

## **DE AOS MEUS AMIGOS PARA QUERIDOS AMIGOS: A INSERÇÃO DA PERSONAGEM NEGRA JURANDIR NA ADAPTAÇÃO DO ROMANCE À TELEVISÃO**

**ELIANA SALES VIEIRA NEVES<sup>1</sup>**

**Resumo:** Apesar do aumento expressivo da representatividade do negro na televisão, sobretudo a partir dos anos de 1990, percebe-se que os negros ainda não alcançaram de forma significativa papéis de destaque nas narrativas televisivas. Diante desse contexto, a partir da análise da adaptação do romance *Aos meus amigos*, publicado em 1992, para a minissérie *Queridos amigos*, exibida pela Rede Globo, em 2008, ambos de autoria da escritora Maria Adelaide Amaral, pretende-se investigar o modo como foi representada a personagem homossexual Jurandir, um jovem negro e pobre, que não fazia parte da narrativa do romance, mas foi inserido na transposição para a televisão. O estudo aqui proposto leva em consideração as aproximações entre as diversas esferas de produção artística, atentando-se para o modo como essas obras expõem a temática da questão racial, a partir de uma perspectiva interseccional de raça, classe, gênero e sexualidade, e contribuem para a construção da memória cultural do povo negro brasileiro. Assim, compreende-se que observar as imagens criadas e divulgadas pela televisão contribui para a compreensão do lugar desse veículo comunicativo na realidade cultural do Brasil, uma vez que pensar sobre as representações disseminadas por essa mídia conduz à discussão de aspectos relevantes da sociedade.

**Palavras-chave:** representação, personagens negras, teleficção brasileira.

### **INTRODUÇÃO**

Admitir que a televisão está perdendo seu protagonismo na era da internet não implica negar a sua força de atuação no interior da cultura, especialmente em um país como o Brasil, cuja população ainda não está de todo inserida nesse contexto da convergência digital. Considerando-se que o Brasil é um país que possui muitas desigualdades socioeconômicas, pode-se afirmar que a televisão ainda se constitui no principal meio formador de opinião, além de proporcionar entretenimento acessível à maioria da população. A televisão tornou-se uma das principais fontes de representações na contemporaneidade e seus programas têm um papel importante no desfazer e refazer das identidades coletivas, que se alimentam e se projetam sobre as representações da vida social que ela oferece (MARTÍN-BARBERO, 2000).

Conforme aponta o estudioso Jacques d'Adesky (2009), nas sociedades de hoje, a mídia preenche diversas funções: serve para divulgar as notícias, veicular a

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLitCult-UFBA). E-mail: elianasvieira@yahoo.com.br

publicidade e também para educar e distrair a população. Assim, tem um papel não negligenciável na produção da identidade, na medida em que é vetor de informações e de imagens que podem ser valorizadas ou manipuladas segundo os interesses do jogo.

Nessa perspectiva, nota-se que a ficção televisiva, veiculada, sobretudo, através da exibição de telenovelas, seriados e minisséries, ainda se faz presente na cultura e no imaginário de boa parte dos brasileiros. Por outro lado, considera-se importante o estudo da teleficção brasileira, aqui especificadamente o gênero minissérie, também em consonância com a consideração da dramaturga e roteirista Maria Adelaide Amaral, relatada em sua biografia escrita por Tuna Dwek: “Embora um produto teledramatúrgico seja basicamente de entretenimento, pode ser um meio muito eficaz de informação” (DWEK, 2005, p. 267).

Mesmo tendo ciência de que o objetivo principal da televisão é comercial, Maria Adelaide Amaral acredita que essa mídia pode contribuir para a construção da memória nacional, ao produzir ficções que, de alguma forma, contam a história do Brasil, referindo-se a algum fato histórico ou a alguma personalidade histórica (MEMÓRIA GLOBO, 2008). Nesse sentido, é importante observar que história do Brasil é essa que vem sendo contada na teleficção brasileira, quem são seus protagonistas e qual é o lugar reservado ao negro nessa história.

A teleficção brasileira tem se caracterizado por apresentar um diálogo e uma interação constantes com a realidade, procurando mesclar ao seu conteúdo melodramático questões sociais e temas polêmicos para os quais a sociedade se volta na atualidade. Entretanto, apesar de o negro representar parcela expressiva na construção da população e da cultura brasileira, este segmento tem sido ignorado na ficção ou representado de modo negativo ou estereotipado. Portanto, é importante refletir, conforme aponta o cineasta e pesquisador Joel Zito Araújo (2004), como a produção televisiva tem-se abastecido no reservatório dos estereótipos negativos e amparado nos resíduos da memória coletiva, que também é reflexo de situações sociais reais que discriminam racialmente os negros. Assim, o interesse no estudo da identidade e dos estereótipos do negro na teleficção brasileira reside na constatação do papel que a mídia exerce, ao lado de outros mecanismos, que nas modernas sociedades complexas interagem e contribuem no processo de construção/reconstrução de identidades (LIMA, 2004).

Diante desse contexto, a partir da análise da adaptação do romance *Aos meus amigos*, publicado em 1992, para a minissérie *Queridos amigos*, exibida pela Rede Globo, em 2008, ambos de autoria da escritora Maria Adelaide Amaral, pretende-se investigar o modo como foi representada a personagem homossexual Jurandir, um jovem negro e pobre, que não fazia parte da narrativa do romance, mas foi inserido na transposição para a televisão. Esse estudo entende o conceito de representação tal como apresentado pela crítica literária Regina Dalcastagnè (2012), um termo que tem sido pensado com uma maior consciência de suas ressonâncias políticas e sociais, e parte da constatação de que, apesar do aumento expressivo da representatividade do negro na televisão, sobretudo a partir dos anos de 1990, esse grupo étnico ainda não alcançou de forma significativa papéis de destaque nas narrativas televisivas. Assim, diante do pressuposto de que observar as imagens criadas e divulgadas pela televisão contribui para a compreensão do lugar desse veículo comunicativo na realidade cultural do Brasil, uma vez que pensar sobre as representações disseminadas por essa mídia conduz à discussão de aspectos relevantes da sociedade, cabe questionar: como o negro está sendo representado na mídia televisiva, aqui especificadamente, na teleficção da Rede Globo de televisão?

A investigação aqui proposta leva em consideração as aproximações entre as diversas esferas de produção artística, atentando-se para o modo como essas obras expõem a temática da questão racial, a partir de uma perspectiva interseccional de raça, classe, gênero e sexualidade, e contribuem para a construção da memória cultural do povo negro brasileiro. Além disso, o viés de análise desta pesquisa, com ênfase para os estudos étnico-raciais, possibilita a discussão em torno das construções identitárias do negro que são veiculadas na literatura e em produções culturais midiáticas.

## **DAS PÁGINAS PARA A TELA**

O romance *Aos meus amigos*, escrito por Maria Adelaide Amaral, publicado em 1992, que inspirou a minissérie *Queridos amigos*, elabora um retrato, nem sempre repousante e sereno, de um grupo de amigos, cujo percurso existencial, de contorno multifacetado, esbarra no contexto opressor da ditadura, conforme observou o ficcionista e ensaísta Edgard Pereira Reis (2013). A história desse círculo de amigos que se amavam intensamente se passa em São Paulo. Alguns se conheceram no colégio:

Leo, Adonis, Lena, Pingo, Caio e Beny; depois conheceram Bia, Tito, Lúcia, Pedro e Ivan e posteriormente chegaram os agregados: Flora, Raquel, Vânia, Rui e Guto. Nos anos 1970, esses amigos formavam um grupo tão unido, que se intitularam “a família”.

A reflexão dessas personagens sobre suas vidas, suas escolhas e suas insatisfações faz com que o romance deixe de ser uma ficção restrita a um grupo de amigos para tornar-se um romance que relata sobre uma geração, tendo como pano as grandes mudanças ocorridas na cultura, na política e na sociedade do país. Dentre essas mudanças, Antonio Risério (2005), em seu relato para o livro *Anos 70: trajetórias*, aponta:

O orientalismo, as drogas alucinógenas, o pacifismo, o movimento de mulheres, a ecologia, o pansexualismo, os discos voadores, a transformação *here and now* do mundo. Era impressionante a confiança que tínhamos na possibilidade de construir um mundo radicalmente novo. Tudo parecia no alcance das mãos (RISÉRIO, 2005).

A história desses amigos refere-se, portanto, a duas décadas de história e, conforme expõe Claudio Paiva (2008), ilustra como essa geração amadureceu sob o regime da ditadura militar, vivenciou a utopia das transformações sociais, a contracultura e contribuiu para mudanças na mentalidade, linguagem e comportamento de vastos segmentos da sociedade brasileira. Dentre as mudanças advindas com os movimentos sociais desse período, Irene Cardoso (2005) assinala:

As transformações da imagem da mulher, com o feminismo; a liberação sexual; as modificações na estrutura da família; a entronização do modo jovem de ser como estilo de vida; a flexibilização das hierarquias e da autoridade; a construção de novas relações entre o adulto e o jovem e o adulto e a criança; a criação de um novo imaginário da fraternidade; a introdução do “novo” na política; a emergência das questões ecológicas como se fossem também políticas, para ficar com algumas das referências mais destacadas (CARDOSO, 2005, p 93).

A adaptação do romance para a mídia televisiva originou a minissérie intitulada *Queridos Amigos*, exibida em 25 capítulos pela Rede Globo, entre 18 de fevereiro e 28 de março de 2008, às 23 horas. A adaptação transpôs para a televisão a história da família de amigos, retratada no romance, fazendo uma avaliação dos ideais da juventude brasileira nos anos 1970. A minissérie mostra um retrato dessa geração, abordando, através da subjetividade dessas personagens – escritores, psicólogos, médicos, *hippies*, astrólogos, professores, donas de casa, jornalistas, empresários – as experiências de dois momentos importantes da história brasileira: as angústias do período da ditadura militar

e as expectativas e frustrações do período de redemocratização brasileira. Desse modo, percebe-se que a narrativa de *Queridos Amigos* rememora momentos marcantes para a sociedade brasileira, sendo um exemplo de produção televisiva que ratifica a relevância de se discutir as representações que são propostas pela televisão, sobretudo em um país, no qual, para uma significativa parcela da população, a televisão é uma das principais formas de acesso à cultura e ao entretenimento.

## **A INCLUSÃO DA PERSONAGEM NEGRA JURANDIR NO TEXTO TELEVISIVO**

Apesar de atualmente haver uma maior presença de afro-brasileiros nos produtos midiáticos, como já foi citado, diversas pesquisas de estudiosos e militantes negros têm revelado a existência de uma representação afro-descendente estereotipada, deformada e que está presente nos diferentes produtos da cultura das mídias (LIMA, 2004). Nesse mesmo sentido, Jacques d'Adesky (2009) afirma que, em se tratando da mídia televisiva, especificadamente com relação à teleficação, nas novelas e séries televisivas, acompanhadas continuamente pelas famílias brasileiras, os negros são quase invisíveis.

Salvo raras exceções, eles não existem como protagonistas da história central. Fora das novelas e séries históricas específicas sobre negros, estes só parecem em relação com os brancos. A principal razão de ser dos negros é fortificar a trama da história dominante, seja por meio de imagens exóticas, pela construção de uma intriga racial ou por imagens subalternas de motorista, doméstica, policial, bandido ou delinquentes (D'ADESKY, 2009, p. 89).

Joel Zito Araújo (2004), em seu estudo sobre os papéis atribuídos aos atores negros na história da telenovela no Brasil, constata que os meios de comunicação de massa geralmente representam os afro-brasileiros na televisão como pobres e favelados, ou seja, os negros são relacionados à pobreza, ignorância, drogas, homicídio, reafirmando esses problemas como específicos e de responsabilidade do próprio negro. Nas palavras do autor, o enfoque racial da televisão brasileira é resultado da incorporação do mito da democracia racial brasileira, da ideologia do branqueamento e do desejo de euro-norte-americanização de nossas elites. Em um país caracterizado por cinco séculos de relações entre populações com origens raciais e étnicas distintas, o ideário do branqueamento e o mito da democracia racial foram desejos e metas sociais construídos historicamente para apagar a herança africana, a “mancha negra da

escravidão”, sendo responsáveis pela dificuldade de grande parcela dos afro-brasileiros em cultivar a sua autoestima.

Ao refletir sobre a situação do negro à época do colonialismo, que foi retirado de seu contexto social, afastado de sua nação, de seu lugar na família, no trabalho, no poder político, na hierarquia social, religiosa, militar, o estudioso Marco Aurélio Luz (2011) caracteriza a desculturação e repressão ideológica sofridas pelo negro. Do ponto de vista econômico, esse grupo racial é apenas considerado força de trabalho a ser explorada; do ponto de vista jurídico-político, não possui nenhum direito, é classificado como semovente, isto é, equiparado a bois e cavalos; e do ponto de vista ideológico, é representado como boçal, rude, primitivo. Assim, a ideologia oficial dominante legitimou a classificação jurídica e justificou não só a dominação econômica, mas também a política, a cultural e a étnica. E, mesmo apesar da proclamação da independência, o Brasil permaneceria neocolonizado, sendo o colonialismo interno até hoje uma realidade, a qual está representada em inúmeras ideologias teóricas que negam o direito de existência própria de diversos povos e etnias que compõem o Brasil e que aspiram a uma maior e significativa participação na sociedade oficial nacional.

Essas ideologias, ainda conforme Luz (2011), formam as bases teóricas do estereótipo com que são representados e percebidos, na sociedade oficial, o índio, o negro e outros povos não-brancos. Assim, as culturas não dominantes, com sua riquíssima visão sagrada do mundo, com suas formas específicas de comunicação, sua dimensão estética peculiar, seus conhecimentos científicos, de medicina, de matemática, de botânica, seu saber filosófico, psicológico e pedagógico, sofrem a ação de recalçamento dos estereótipos, os quais têm por característica “justificar a exploração e a opressão pelo índice imaginário de superioridade de um grupo humano sobre outro, recalçando todo o processo histórico que engendrou esta situação” (LUZ, 2011, p. 24). Estereótipos esses que são veiculados pela grande indústria de massa audiovisual a qual, por sua vez, alimenta o imaginário e a linguagem popular. Dessa forma, a etnia branca dominante, que não coincidentemente é a produtora da televisão, a mídia aqui especificadamente analisada, está ciente da capacidade deste veículo como transmissor de informações e comportamentos, e o controla, colocando-o a seu serviço.

A ficção televisiva aqui em estudo é uma minissérie, gênero televisivo definido como uma espécie de telenovela curta (PALLOTTINI, 2012), geralmente exibido após as 22h00min. Normalmente, representa a classe média em suas ficções, sendo



caracterizado por atingir um público mais restrito – que não tem de estar de pé às cinco ou seis da manhã (KEHL, 2005). Trata-se, portanto, de uma produção televisiva que, apesar de seu amplo alcance, fala de e para um grupo sócio-economicamente mais privilegiado, do qual poucos negros fazem parte.

*Queridos Amigos* possui um elenco de atores predominantemente brancos, com exceção das personagens Jurandir (Sidney Santiago) e Flora (Aida Leiner), que são os únicos negros que fazem parte da história, evidenciando assim, o padrão de atores majoritariamente brancos ainda vigente na Rede Globo, conforme demonstraram os pesquisadores Wesley Grijó e Adam Henrique Sousa, ao discutirem a representação do negro nas telenovelas da Rede Globo na década de 2000. “Os negros ainda permanecem com papéis de pequeno destaque nas narrativas, sendo escassa a presença dessa etnia entre as inúmeras personagens das telenovelas, muitas vezes algo que se assemelha a um sistema de cotas de participação” (GRIJÓ; SOUSA, 2011, p. 15).

Na minissérie, muitas personagens do livro e seus contornos psicológicos foram mantidos. Entretanto, para compor os 25 capítulos da narrativa na televisão, foram criadas várias situações novas, com a supressão de algumas personagens, o acréscimo ou a ampliação da participação de outras. Elas ganharam novas características e autonomia, também por causa dos atores que as interpretaram.

No romance *Aos meus amigos*, o qual inspirou a minissérie, há apenas uma personagem negra, Flora, que é a ex-mulher de Leo, o protagonista da narrativa, caracterizada como “uma linda morena brejeira” (AMARAL, p. 36) e que possuía “o insignificante trabalho de lecionar português num colégio da rede estadual” (AMARAL, p. 38). Considera-se que não cabe questionar aqui o fato de haver apenas a personagem negra Flora no romance *Aos meus amigos*, o qual inspirou a minissérie, já que esse foi um romance baseado nas memórias da escritora Maria Adelaide Amaral, uma mulher branca de classe média que escreve um romance dedicado a seus amigos. Entretanto, cabe refletir como a personagem Flora foi transposta para a mídia televisiva, um veículo de maior alcance em comparação ao romance, e como foi a inserção de mais uma personagem negra no texto televisivo.

Na minissérie, Flora é interpretada por uma atriz negra (Aida Leiner), entretanto a personagem tem uma condição intelectual e financeira mais elevada, pois, diferentemente do romance, não é professora do ensino básico da rede pública, mas sim professora universitária, o que a torna mais próxima, no texto televisivo, do grupo de

amigos de seu ex-marido, pessoas brancas de classe média, mas não a impede de sofrer preconceito racial por parte da mãe do ex-marido, uma judia.

A inclusão da personagem negra Jurandir na minissérie se dá através da personagem Beny, já pertencente ao texto do romance, que fazia parte do grupo das personagens principais da trama e era homossexual assumido. Na minissérie, Beny era um homem branco, rico, culto, dono de uma editora. Veio de uma família abastada, que nunca lhe deu amor. Usava drogas, era portador de HIV, mas não tomava nenhuma precaução com os seus parceiros. Sem medir as consequências de seus atos, Beny, muitas vezes, prejudicava não somente aos outros, mas a si próprio, tendo uma conduta autodestrutiva. Geralmente pagava por suas relações sexuais, mas declarava que tinha o desejo de ter um relacionamento estável. Hospedou em sua casa Jurandir, um jovem homossexual, negro e pobre, o qual era muitas vezes maltratado pelo humor ácido e pela arrogância de Beny.

Jurandir é tratado como um “viado” negro e pobre, diferentemente de Beny, um homossexual branco e rico. A atuação dessa personagem negra, que não estava presente no romance, e que portanto, provavelmente, não foi inspirada em nenhum dos amigos da escritora Maria Adelaide Amaral, segue a tendência que perpassou toda a história da teleficção brasileira: as personagens negras, quando inseridas nas tramas, não possuem, ou quase não possuem ação, são passageiras, decorativas e buscam compor o espaço da domesticidade, ou da realidade das ruas, em especial das favelas (ARAÚJO, 2004).

Apesar de se aproximar da personagem Beny, pela opção da sexualidade, Jurandir sofre preconceito, mais explicitamente por sua classe social, mas também implicitamente por sua etnia racial. Segundo o pesquisador Carlos Moore (2012), a dinâmica do sexismo é perpassada pelas dinâmicas do racismo:

O sexismo, dinâmica coercitiva que entranha uma solidariedade cúmplice dos homens como um todo em relação às mulheres como um todo, se quebra diante das dinâmicas do racismo. (...) O mesmo pode ser dito quanto à realidade homossexual, seja feminina ou masculina, e a solidariedade inerente a essa situação: essa solidariedade intra-homossexual é igualmente pulverizada pelas dinâmicas do racismo. O homossexual negro, homem ou mulher, é alvo de racismo do homossexual branco, homem ou mulher. Ora, tantos os homossexuais brancos quanto os negros são estigmatizados pela homofobia de negros, mulheres ou homens, a despeito de esses últimos serem o alvo principal do racismo (MOORE, 2012, p. 227).

Ao descobrir que Beny era portador de HIV, Jurandir, amedrontado pela probabilidade de também estar doente, arrumou as malas e decidiu ir embora,



lamentando-se que não poderia mais ir a Hollywood. Beny, em uma atitude hostil, lhe disse: “Hollywood, Jurandir? Mas com doença ou sem doença você não tem a menor chance em Hollywood. Pelo amor de Deus, olha para você! Você é brasileiro, baixinho, não sabe falar inglês. Você não tem a menor noção de ridículo, né?” Em continuidade, Beny o repreendeu: “Pega suas coisas e vai lá pra dentro. Para de chorar. Se você estiver mesmo doente vai ter mais condições de se tratar aqui do que na periferia”. Beny o lembrou que se ele voltasse para casa, seria pior. “Ou você esqueceu onde foi que eu te peguei, hein, michezinho de quinta categoria”. Chorando, Jurandir lhe respondeu: “Você sabe como humilhar as pessoas, Beny”. Beny alegou que lhe deu casa, comida, roupa nova, dentista, plano de saúde. “E para de chorar, Jurandir, que bicha pobre nunca vai ser mocinha de novela, nem de novela mexicana”. Dirigindo-se à Cíntia, uma personagem travesti que estava presente, Jurandir perguntou: “Por que que eu nasci assim, Cíntia?” Mordaz, Beny respondeu: “Se você não tivesse nascido assim, Jurandir, já teria morrido com um tiro no peito que nem seu irmão. Se você não fosse viado, seria bandido. Imbecil! [...] Vai, Jurandir, vai lá pra dentro, pega suas coisas” (QUERIDOS Amigos, 2008, [disco 3, 03h16min]).

As palavras de Benny são representativas do discurso da classe branca rica, segundo a qual não restam perspectivas sociais privilegiadas para o negro: Jurandir, se não houvesse optado pela homossexualidade, não deixaria de estar à margem da sociedade porque seria bandido. A luta contra essas diversas formas conjugadas de opressão, a exemplo dessas expostas na representação aqui analisada, pode avançar a partir da análise da dinâmica da interdependência das relações sociais. Nesse sentido, Flávia Biroli e Luis Felipe Miguel (2015) apontam que os estudos atuais coincidem na compreensão de que as opressões são múltiplas e complexas e não é possível compreendê-las quando se analisa uma variável isoladamente.

O diálogo entre Beny e Jurandir aborda a representação racial que os brancos fazem de si mesmos e de suas relações com os afro-descendentes, mostrando os preconceitos enfrentados pelos que além de homossexuais são negros e pobres, evidenciando, assim, a noção de sujeito de Teresa de Lauretis (1994), segundo a qual o sujeito é constituído por meio de códigos linguísticos e culturais; é “engendrado” não só na experiência das relações de sexo, mas também nas de raça e classe: um sujeito, portanto, múltiplo, em vez de único, e contraditório, ao invés de dividido. Nesse sentido, percebe-se que a atitude preconceituosa da personagem Beny contra a

personagem Jurandir, ambas homossexuais, decorre da hierarquia das identidades de raça, classe e sexualidade, a qual faz Beny, por ser branco e rico, sentir-se superior a Jurandir nas dimensões de raça e classe.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conforme apontou Joel Zito Araújo (2004), o maior espaço conquistado pelos negros na televisão brasileira não foi fruto somente de iniciativas internas da própria mídia, mas é resultado de uma presença maior de entidades negras e indicam um provável salto nas ações do próprio movimento negro. A preocupação com os meios de comunicação é antiga e constante na ação da militância afro-brasileira. Mudar a imagem do negro na mídia é prioridade sempre presente na agenda do movimento negro e em suas proposições dirigidas ao Estado Brasileiro.

Convém também ressaltar, como notou Jacques d'Adesky (2009), que para além de ficar atento às medidas destinadas a forçar a inclusão de um maior número de atores negros nas novelas e nas séries televisivas, é necessário refletir acerca de qual é representação do negro que é veiculada pela televisão, pois já é notória a maior participação de afro-brasileiros na mídia, trazendo novas formas para o país compreender a si mesmo, começando a criar no seu mundo virtual a percepção de uma nação resultante do empenho de diferentes grupos raciais e étnicos.

Ainda de acordo com Araújo (2004), poucos autores fizeram do conflito social real, da existência da discriminação racial e do preconceito em sua complexidade de formas e atitudes, temas de suas produções. Em geral, os conflitos são apresentados na perspectiva dos autores e dos diretores brancos, que, na sua maioria, só parecem conhecer a realidade e a cultura brasileira a partir de suas vivências na Zona Sul do Rio de Janeiro e de São Paulo. “O racismo brasileiro é representado da mesma forma em que ele aparece na sociedade, como tabu sempre escamoteado no discurso oficial e privado dos brasileiros” (ARAÚJO, 2004, p. 309).

Assim, considera-se que a inserção da personagem negra Jurandir no texto televisivo poderia ter sido uma oportunidade de provocar um questionamento crítico da questão racial, na sua interface com as relações de classe e sexualidade. Entretanto, conforme apontou Solange de Lima (2004), parece que não faz parte da agenda das emissoras de televisão uma proposta sistemática de contribuir para uma discussão sobre

o racismo. Nesse mesmo sentido, Araújo (2004), considera que, possivelmente, sob o manto do mito da democracia racial, publicitários e produtores televisivos não considerem a questão racial relevante. Provavelmente, esse tema nem mesmo faça parte da pauta da maioria das pessoas que tomam decisões sobre as imagens e representações na televisão.

Em consonância com o pensamento de Lima (2004), é sabido que a questão do racismo não se resolveria com discussões na televisão. Contudo, acredita-se que uma produção televisiva, que conteste o mito da democracia racial, propiciando um debate profundo sobre as questões raciais, pode contribuir para uma discussão séria acerca do preconceito racial no Brasil, com vistas a mudar essa realidade tão presente em nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Maria Adelaide. **Aos meus amigos**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2008.
- ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. 2. ed. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2004.
- BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. **Mediações**, Londrina, v. 20, n. 2, jul./dez. 2015, p. 27-55. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/24124/G%C3%AAnero%2C%20ra%C3%A7a%2C%20classe%3A%20opress%C3%B5es%20cruzadas%20e%20converg%C3%Aancias%20na%20reprodu%C3%A7%C3%A3o%20das%20desigualdades>>. Acesso em: 06 jul. 2017.
- CARDOSO, Irene. A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança. **Revista Tempo Social**, USP, v. 17, n. 2, nov. de 2005, p. 93-107. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12472/14249>>. Acesso em: 29 dez. 2015.
- D'ADESKY, Jacques. **Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismos e anti-racismos no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte; Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012.
- DWEK, Tuna. **Maria Adelaide Amaral: a emoção libertária**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Cultura; Fundação Padre Anchieta, 2005.
- GRIJÓ, Wesley Pereira; SOUSA, Adam Henrique Freire. O negro na telenovela brasileira: a representação nas telenovelas da TV globo na década de 2000. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34. 2011, Recife. **Anais Eletrônicos...** Recife: Intercom, 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2918-1.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

KEHL, Maria Rita. As novelas, novelinhas e novelões: mil e uma noites para as multidões. In: Adauto Novaes. (Org.). **Anos 70** – ainda sob a tempestade. Rio de Janeiro: Aeroplano/ Senac-Rio, 2005, p. 425-443.

LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LIMA, Solange de. Prefácio. In: ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. 2. ed. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2004, p. 11-15.

LUZ, Marco Aurélio. **Cultura negra e ideologia do recalque**. 3. ed. Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: PALLAS, 2011.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. O medo da mídia: política, televisão e novos modos de representação. In: DOWBOR, Ladislau, et al. (org.). **Desafios da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MEMÓRIA GLOBO. Maria Adelaide Amaral. In: \_\_\_\_\_. **Autores: histórias da teledramaturgia**. São Paulo: Globo, 2008. v. 2. p. 112-165.

MOORE, Carlos. **Racismo & sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. 2. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

PAIVA, Claudio Cardoso de. Projeções da Geração 68 na minissérie *Queridos Amigos*. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL TV E REALIDADE, 1. 2008, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: EDUFBA, 2008. v. 1. p. 1-16. Disponível em: <<http://www.tvrealidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Claudio%20paiva.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia de televisão**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

**QUERIDOS Amigos**. Direção: Deniese Sarraceni e Carlos Araújo. Produção: Flávia Lacerda, Vinicius Coimbra, Maria de Medicis, Cristiano Marques. Intérpretes: Dan Stulbach; Débora Bloch; Denise Fraga; Bruno Garcia; Matheus Nachtergaele; Drica Moraes; Guilherme Weber; Maria Luisa Mendonça; Luiz Carlos Vasconcelos; Malu Galli; Tato Gabus Mendes; Joelson Medeiros; Fernanda Machado; Tarcísio Filho; Regina Remencius; Odilon Esteves e outros. Roteiro: Maria Adelaide Amaral e Letíci Mey. Música: Nada Será Como Antes. Rio de Janeiro: Globo Marcas; Som Livre, 2008. 4 DVDs (869min), 1080i (HDTV), widescreen, color. Produzido por Central Globo de Produções. Baseado no livro “Aos meus amigos”, de Maria Adelaide Amaral.

REIS, Edgard Pereira. **Maria Adelaide Amaral: Livro do mês: Aos meus amigos**. Disponível em: <<http://www.idealsubalterna.blogspot.com.br/search/label/Maria%20Adelaide%20Amaral>>. Acesso em: 17 jun. 2014. (Postado em 6 abril 2013).

RISÉRIO, Antonio. Duas ou três coisas sobre a contracultura no Brasil. In: \_\_\_\_\_. et al. **Anos 70: trajetórias**. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2005, p. 25- 30.